REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS

FIO-DE-PRUMO

OTTO RIELAND

Não há dúvida de que o ofício de crítico literário é um ofício ingrato. O Dr. Carlos Studart Filho, do Instituto do Ceará, em cuja revista vem escrevendo desde 1919, pelo menos, diz em seu último livro que não é crítico. (**Artigos de Podestá Ribeiro**, pág. ss.)

Entretanto, êste livro, dado a lume pela Gráfica Henriqueta Galeno, Fortaleza, 1967, como tal o inculca e mostra claramente. Podestá é, além do mais, um polemista vigoroso e bem apetrechado para a luta. Os jovens da atual geração provocam, desarmados, o velho lutador, mas levam lambadas de criar bicho como se diz no sertão. Leiam-se às páginas 110 e 111 do livro em aprêço.

Quando êle, médico e general, diagnostica o mal de um cliente distante e reza, por cima uma oração fúnebre, como quem tenta curar no rastro é de um sarcasmo terrível. Seus revides são contundentes e escalpelantes, embora não os tenha provocado. Procure-se e ver-se-á que a primeira pedra veio do lado de lá contra êle. Cabe-lhe o direito de defender-se, embora nem sempre observe a lei de Santo Tomás de Aquino: "**servato moderamine inculpatae tutelae...**"

É ferino, chega a ser impiedoso quando pinta o adversário como um ser anômalo, acocorado a um canto, a remoer palavras sem nexo e sem motivo. Maneja o idioma com grande segurança e brilho. Inegàvelmente é um escritor.

Alguns dos trechos dêste livro do Sr. Podestá Ribeiro eu desaprovaria completamente. Pouco importa saber se eu mesmo já pratiquei erros semelhantes outrora. Êsses artigos, de uma virulência indescritível, não ficam bem na época atual, a um homem de esmerada educação cívico-humanística, cavalheiro no trato, senhor de invejável cultura histórica e, em certo sentido, expoente de sua geração. Deixar falar e deblaterar os despeitados, os maldizentes os sórdidos e os fátuos. Para certa classe de indivíduos só há uma resposta condigna: — o silêncio.

Depois, não convém medir-se com tôda gente, com certa gente. E, quando a polêmica chega a um tal clímax de exasperação psicológica, seria melhor mandar chamar o Chico da Lorinda, para responder, com doestos improferíveis, aos desbragados opositores.

A meu ver, uma polêmica, hoje, é tão anacrônica e ridícula como êsse duelo à espada, verificado, há pouco, em França entre dois deputados, Gaston Desferre, de 56 anos, e René Ribière, de 45, que levou a pior. Isso é voltar no mínimo, cem anos atrás, quando os homens de vergonha firmavam um compromisso com um fio arrancado à barba, que nem mais existe.

A revisão do livro, apesar de tôda boa vontade e esforços de quem a fêz, deixou passar alguns senões que aponto, aqui, ao ilustre autor, com vistas a uma segunda edição do volume.

Deveria ser: **Conclamabunt**, página 10. **Quintus Ennius ibidem;**. aveludadas, pág. 127; à espôsa, pág. 131; lembra a de tantas outras, pág. 124; na distante e gloriosa, pág. 117. É mister até nisso não oferecer o dorso ao adversário...

Os sonetos de José Martiniano de Alencar, pai do romancista, não deveriam

figurar em literatura nenhuma. Aquilo é o que de mais pechisbeque já se perpetrou no Ceará. Fêz bem Dolor Barreira em omiti-los. São tão pobres de idéias, tão mal-feitos, tão prosaicos e errados, mètricamente, que não mereciam, de modo algum, ser citados mesmo numa literatura incipiente. Aquilo é vaza da pior. Deviam ser delidos de nossas letras pois nada adiantam à nascente literatura do Ceará. Martiniano era infrapedestre como poeta; talvez como prosador tenha feito coisa melhor.

O elogio do "trote" nas academias é outra coisa que repelimos francamente. Não é benefício, como supõe o autor; isso foi antigamente, quando havia respeito mesmo entre estudantes. O trote, hoje, é uma vergonha; é humilhante e denunciador de tipos recalcados, primários e destituídos de qualquer senso moral. Já devia ter sido estirpado de nossas faculdades.

Ótima a defesa da Josefina, espôsa de Napoleão I, excelente o elogio de Ismael Pordeus. Quanto à fundação da cidade, estou concorde: é cedo ainda para decidir.

Não é a natureza que imita a arte, mas vice-versa. A frase de Wilde é um paradoxo. A arte só pode produzir emoção estética, criando a beleza. Arte que não cria beleza não é arte: é contrafação.

Rendo minha homenagem a Podestá Ribeiro. Suas páginas são instrutivas e densas. A síntese histórica de Lady Hamilton está, a meu ver, magnífica. Podestá diz, sòzinho, o que muitos historiadores não conseguiram dizer juntos. E sempre naquele estilo corredio, amplo, maleável, às vêzes, encrespado, áspero e cortante como lâmina afiada. Mas não perde nas apreciações aquêle fino senso de moralidade haurida em sua apurada formação católica.

(Unitário 4-4-67).

STUDART FILHO

EDUARDO CAMPOS

O sr. Carlos Studart Filho é dessas inteligências que se encastelam, merecidamente, em seus conhecimentos. Isso o torna soberbo, e nem sempre pode evitar aquêle sentido apressado de antipatia que uma pessoa sente por outra. Sem penetrar-lhe os sentimentos, o largo coração que possui, não sentimos de pronto, nos primeiros contatos, a verdadeira personalidade, o sentido largo de uma humanidade inevitável que o historiador conserva em si, menos para proveito próprio do que para os outros.

Haveríamos de ser bons amigos, anos depois de um conhecimento apressado, por ocasião de aula que ministrei, sabe Deus como, na Academia Cearense de Letras, sôbre história do nosso folclore. E o nosso Carlos Studart Filho, ainda para mim sob aquela couraça inatingível, fêz-me duas ou três observações em plenário, que me pareceram impertinentes. Não eram, de modo algum.

Aquilo de procurar alertar os outros, de contribuir para um melhor esclarecimento, está no seu próprio mecanismo espiritual de homem inteligente e estudioso. Não faz com maldade, que a maldade envolve outras implicações, e essas, ao passar do tempo, não se dissipam jamais.

Posteriormente, estreitamos as nossas relações de amizade. Passei a privar de perto com um homem erudito e sobretudo trabalhador, comparecendo, como poucos de sua idade — e a referência aqui não é sentido desprimoroso — ao convívio

das páginas dos nossos jornais. Dessa colaboração ajuizada, cuja revisão cuidadosa êle mesmo se encarrega de fazer, sob aquêle zêlo apavorante de que possa perpetrar algum êrro de ortografia, resulta êste interessante livro: **Artigos de Podestá Ribeiro.**

Podestá Ribeiro é um "outro" Carlos Studart Filho, exatamente que fugindo à seriedade de sua aplicação na historiografia, na etnologia, permite-se a si mesmo o direito também de fazer comentários de ordem literária e artística.

Numa ou noutra passagem, o erudito prejudica um pouco a compreensão da frase, embora a adequação do têrmo empregado esteja correta, porque mesmo a est'outro Carlos Studart Filho não faz concessões. Êle, com tôda a sua persistente procura do melhor, o seu zêlo pelo aperfeiçoamento do estilo, elegância e concordância e coleios da frase, não vai ao lugar-comum, não desce à apreciação de nível popular.

Nem sempre, naturalmente. Mas em qualquer circunstância dêsse seu pequeno mas expressivo livro está antes de tudo o conhecedor de literatura, o homem que vai de um assunto a outro, passando das indiscrições da história à discussão da Arte, tudo numa linguagem em que a preocupação do estilo não torna monótona, pelo contrário, consagra às frases um sentido interessante, e eu ia dizer, inusitado.

Nem sempre é possível concordar com os conceitos literários dêsse Podestá Ribeiro — que por sua vez nem sempre reflete a verdadeira personalidade do Carlos Studart Filho, do general, do homem formado em medicina, do estudioso de assuntos históricos, do trabalhador incansável do Instituto do Ceará, instituição a que serve com um devotamento quase irritante.

Discordamos, por exemplo, de sua opinião rigorosa ao extremo a respeito dos livros de Jorge Amado: "Do sr. Jorge Amado conhecemos dois romances apenas. Depois de havermos terminado a leitura de cada um dêsses trabalhos escabrosos sentimo-nos tomado de indizível repulsa. Em tais circunstâncias não era possível prosseguir na tormentosa e compungitiva leitura de seus repertórios de vulgaridades. É certo que não pode ser vedado ao artista trabalhar na zona abissal da existência social moderna." Diante disso ficamos a imaginar o que não diria o sr. Podestá Ribeiro de um Erskine Caldwell, do jeito com o que temos em "O Pregador" (Jorneymann), ou dessa audaciosa Mary Mc Carthy ("O Grupo"), sem nem ao menos precisar referir o excêntrico Henry Miller, capaz de fechar, de pudor, dois mil seminários de uma só vez...

Numa e noutra passagem do livro o autor toma aquela forma de expressão, do alto aperfeiçoamento, que não esconde de todo um pedantismo, embora que desculpável, como neste trecho: "Remoto antecessor das libélulas incautas que, no carbonífero, uma vez por outra se deixavam aprisionar pelo âmbar ainda inconsistente que manava de grandes árvores selvosas, sua anciania orça por muitos milhares de séculos."

Preferimo-lo, no entanto, quando discorre assim a respeito de Cézane: "A repulsa do público às realizações do primeiro dos pintores apontados, a rebeldia de sua técnica, a constante hostilidade da crítica oficial e, o que é mais de notar, a completa indiferença do autor às próprias criações de seu gênio torturado, tudo, enfim, denuncia ser êle um verdadeiro aristocrata da sensibilidade a buscar na arte uma satisfação estética."

Melhor dito, desta forma, sem dúvida alguma.

Mas, de uma maneira ou de outra, o fato é que o livro se sustenta pelos conhecimentos do autor e sobretudo pela sua coragem de dizer mesmo aquilo que nos desagrada. E isso é de verdade muita coisa.